

O fogo criador e suas cinzas

António Manuel FERREIRA (2012), *Sinais de Cinza. Estudos de Literatura*. Guimarães: Opera Omnia, 502 p.



I

Sinais de Cinza – Estudos de Literatura reúne estudos preparados pelo crítico e ensaísta António Manuel Ferreira, professor de Literatura Portuguesa da Universidade de Aveiro, ao longo de uma carreira acadêmica ainda em seu meio caminho. Seu título saiu do romance *Sinais de Fogo*, de Jorge de Sena (1919-1978), como justifica o autor, ao lembrar que, se a literatura nasce do fogo criador, também é cinza, ou seja, «testemunha vital de um combustível». E, do mesmo modo, é cinza que pode motivar uma fagulha a partir de uma leitura e, portanto, constitui «um ato de cíclico renovamento». É o que diz o professor Ferreira no prefácio que escreveu para este livro que dividiu em cinco partes temáticas e que, a rigor, abrangem as linhas de estudo a que se tem dedicado nos últimos anos. São textos que anteriormente foram publicados em revistas universitárias e que, agora, têm a oportunidade de serem lidos por um público mais amplo. Por coincidência, os títulos das divisões remetem a estudos que o professor tem dirigido e editado em seu labor universitário.

A primeira parte, «Teografias», aliás, título de projeto que o professor coordena, é constituída por seis estudos que procuram discutir a representação do Deus cristão nas obras de José Régio (1901-1969), Aquilino Ribeiro (1885-1963), Fernando Pessoa (1888-1935), Mário Sacramento (1920-1969), Eça de Queiroz (1945-1900), Machado de Assis (1839-1908), Jorge de Sena e Paulina Chiziane (1955).

Desses, dois são dedicados a Paulina Chiziane, a primeira romancista negra de Moçambique, cuja obra constitui, segundo o ensaísta, «um manancial

riquíssimo de indagação teológica, cujo alcance hermenêutico conglomerava, nas mesmas questões, os preceitos judaico-cristãos e as tradições religiosas moçambicanas». Para Ferreira, Paulina reflete em sua escrita uma leitura protestante da *Bíblia*, mas, em grande parte dos casos, a convocação do Deus cristão tem o propósito de condenar o colonialismo e o imperialismo, ou seja, o Deus imposto aos africanos pela lei da espada do colonizador.

Seja como for, diz o professor, a *Bíblia* funciona nos livros de Paulina como um dos intertextos mais recorrentemente privilegiados.

No último ensaio da primeira parte, dedicado a Fernando Pessoa, Ferreira observa que a poesia de Alberto Caeiro, heterônimo pessoano, dialoga, de forma explícita e paródica, com a figura e a mensagem de São Francisco de Assis (1182-1226), ainda que a sua antipatia pela Igreja Católica seja evidente, como se vê no poema oitavo de «O guardador de rebanhos».

II

Em «Percurso de Eros», que reúne quatro ensaios que abordam o homoerotismo nas literaturas portuguesa e brasileira, está o ensaio «*Sinais de cinza: derivas homoeróticas na obra de Jorge de Sena*», que traz a metáfora-gênese deste livro. Nos demais ensaios são abordados contos brasileiros, o «Teatro Veloz» do ator brasileiro Ivam Cabral (1963) e a obra *João Vêncio: Os Seus Amores*, de Luandino Vieira (1935), romancista angolano nascido em Portugal.

Na terceira parte, «Escrever a ruína», há um texto sobre a poesia de Joaquim Manuel Magalhães (1945), outro sobre a obra de Fernanda Botelho (1926-2007) e um terceiro a respeito de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, romance que o ensaísta considera ter alcançado a proeza inigualável na literatura em Língua Portuguesa de se apresentar visualmente fragmentado e organicamente coeso, dando a falsa impressão de pertencer à estética romanesca do século XVIII, mas que ultrapassa o século XIX para se enquadrar na «pulverização estrutural e axiológica da nossa contemporaneidade».

Nas duas últimas divisões do livro, o leitor encontrará análises percucientes das obras de autores portugueses como Augusto Abelaira (1926-2003), Miguel Torga (1907-1994), Branquinho da Fonseca (1905-1974), Eugénio de Andrade (1923-2005), Eugénio Lisboa (1930) e novamente Aquilino Ribeiro. E ainda estudos sobre as obras dos poetas moçambicanos Alberto de Lacerda (1928-2007), Rui Knopfli (1932-1997) e Luís Carlos Patraquim (1953). Enfim, ler este livro, praticamente, equivale a fazer um excepcional curso de Literatura em Língua Portuguesa.

III

António Manuel Ferreira, que é hoje talvez o estudioso que mais bem conhece a literatura que se escreve em Língua Portuguesa em todo o mundo, tem colaborado também em cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Moçambique e no Brasil, especialmente na Universidade de São Paulo (USP). Organizou a edição das *Obras Completas*, de Branquinho da Fonseca, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Lisboa, em 2010, em decorrência de sua tese de doutoramento *Arte Maior: os contos de Branquinho da Fonseca*, igualmente editada pela IN-CM em 2004. Fundou e dirige a revista de literatura *Forma Breve* e a série de volumes temáticos *Voltar a Ler*.

Atualmente, coordena o projeto *Teografias – Literatura e Religião*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), de Portugal, pelo qual já saíram à luz três volumes: *Sentimento Religioso e Cosmvisão Literária* (2011), *Gramáticas da Criação: Adão, Eva e Outros Mitos* (2012) e *Metamorfoses da Santidade* (2013).

*Adelto Gonçalves**

* Vd., *supra*, p. 186.